

Ensaio sobre a ausência na era da hiperconexão: diálogo com o pensamento e a poética de Paulo Ferreira da Cunha

Fayga Silveira Bedê¹
Natália Ribeiro Machado Vilar²

“Desde que uma alma está bem encerrada em sua solidão, toda impressão é ocasião de universo.” (Gaston Bachelard)

“Daquilo de que os outros não sabem sobre mim, disso eu vivo.” (Peter Handke)

“Se tens um jardim e uma biblioteca, tens tudo.” (Cícero)

Escrevemos para nos ausentar. E, ainda que escrevêssemos em meio ao rumorejo dos transeuntes, como Hemingway, nos cafés parisienses dos idos de 1920 (HEMINGWAY, 2013), nossa escritura se daria numa dialética que, sendo comunhão com tudo o que nos rodeia, é também, a um só tempo, estranhamento do mundo.

A necessidade de solidão atravessa a humanidade desde tempos imemoriais. A imagem de Demócrito trancafiado em sua choupana, para desconcerto de todos, reverbera desde o séc.V a.C. até os nossos dias, plasmando o espírito de inúmeros pensadores e artistas, muitos dos quais chegaram a edificar, de modo factual, a sua própria <<torre de marfim>> – alegoria cuja carga semântica remete à busca existencial, estética e/ou transcendente, de alguém que se refugia em si mesmo, a fim de se subtrair aos excessos mundanos de seu tempo:

Uma extensão aparentemente sem fim de torres sólidas atravessa a paisagem literária, desde a de Rabelais em Ligugé até as de Hölderlin em Tübingen, Leopardi em Recanati, Jung em Bollingen. Talvez mais do que qualquer outra, a torre em que Montaigne optou por instalar seu estúdio tornou-se emblemática de tais refúgios. Anexa ao castelo

¹. Professora Permanente do Mestrado em Direito da Unichristus/CE, Brasil. Editora-Chefe da Revista Opinião Jurídica (Qualis-A2). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em Direito pela UFC. Email: bedefayga@gmail.com. Professora e artista plástica.

². Mestranda em Direito pela Unichristus. Especialista em Processo Civil pela FADISP. Graduada em Direito pela Unifor. Advogada da União. Email: natalia.machado.vilar@gmail.com.

da família na região de Bordeaux, a torre de quatro andares foi transformada pelo pai de Montaigne de uma construção de defesa num espaço habitacional. O piso térreo tornou-se uma capela, acima da qual Montaigne montou um quarto de dormir ao qual ele podia se recolher depois de ler na biblioteca, que ocupava o andar de cima, enquanto um grande sino badalava as horas no ático da torre. A biblioteca era o cômodo favorito de Montaigne, no qual seus livros, mais de mil deles, repousavam em cinco estantes curvas que se encostavam à parede circular. (MANGUEL, 2013, *e-book*)

Contudo, a ideia arquetípica de uma <<torre de marfim>>, na qual os intelectuais pudessem se recolher do burburinho do mundo, foi, não poucas vezes, objeto de um imaginário estigmatizante, como se aquelas almas solitárias, ao buscarem um refúgio, estivessem a dar as costas às realidades do seu entorno, em sinal de desprezo ou pouco caso pelos problemas seculares que deveriam merecer sua atenção.



As autoras: Profa. Fayga



& Profa. Natália

Pessoalmente, não vemos assim.

Afinal, por que deveríamos tutelar o modo de cada indivíduo pensar, meditar, contemplar, refletir, criar e, assim, construir um mundo mais rico de significados? Acaso as ideias concebidas pela solidão de Demócrito não contribuíram em nada para o pensamento ocidental? Acaso Marta e Maria, as irmãs de Lázaro, não representam a dinâmica entre ação e contemplação tão cara ao cristianismo (LUCAS, 10, 41-42)?³ Acaso Montaigne, a despeito de seu pendor pela contemplação, não esteve, a certa altura de sua vida, a serviço de responsabilidades públicas as mais desafiadoras, como prefeito de Bordeaux, justamente durante um período de peste e de guerra (COMPAGNON, 2015)?

E, por fim, acaso o jurista, livre-pensador, poeta e pintor, Paulo Ferreira da Cunha – objeto da presente homenagem –, não assumiu, também ele, diversos encargos no mundo secular, seja como Professor Catedrático, seja como Diretor do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, seja como Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, entre tantas outras

³ Quando Jesus aparece (sem avisar) na casa de suas amigas, Marta se exaspera porque sua irmã Maria havia prontamente se instalado aos pés do Mestre para ouvi-lo, em vez de vir ajudá-la a servir ao Senhor. Então, Marta interpela Jesus, pedindo que Ele tome uma providência a respeito do que supõe tratar-se de uma distribuição injusta das tarefas domésticas. Porém, para seu (e nosso) espanto, recebe do Mestre uma lição que até hoje nos surpreende: “Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. No entanto, uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada.” (Lc. 10, 41-42)

ocupações acadêmicas e institucionais às quais vem se dedicando no decurso de sua vida?

E, no entanto, a despeito de tantas lidas das quais Paulo Cunha não capitulou, transparecem de sua poética diversas imagens que traduzem a necessidade de uma torre à qual ele possa, vez ou outra, também recolher-se, permitindo “[...] ao intelectual retirar-se do mundo para compreendê-lo melhor.” (MANGUEL, 2013, *e-book*). É o que depreendemos de certos temas recorrentes em seus poemas – alguns dos quais generosamente compartilhados conosco – como bem ilustrado nos versos que ora tomamos a liberdade de transcrever:

AUTARKEIA

Lá podes ser uma ilha
Numa pequena ínsula cristalizares
E receberes o correio
Uma vez por mês
Sem Internet, claro.

Lá podes ter a tua casa branca
Como uma colina na minúscula ilha
E crescer para dentro
Dentro dela

Lá podes cultivar
Tua solidão ao sol
E no teu exíguo jardim insular
Colher o vinho dos deuses
E a oliveira da paz

E na tua casinha branca
Branca e azul talvez
Podes receber-te principescamente a ti
E dar festas orgiásticas
Celebrando os mistérios
De seres apenas tu.

(CUNHA, [s. d.])

A partir da apreciação dos versos de Paulo Cunha, parece-nos irresistível estabelecer um paralelo com a torre de Montaigne. De fato, a casinha branca – cristalizada “como uma colina na minúscula ilha”, em cujo abrigo, *tu, leitor*, podes “cultivar tua solidão ao sol” para “receber-te principescamente a ti”, a fim de celebrares “os mistérios de seres apenas tu” –, essa casinha branca (e azul talvez) impele-nos aos últimos anos da vida de Montaigne, transcorridos no alto de sua torre, na qual dedicava-se ao cultivo de si, por meio de uma escritura tão íntima e pessoal, que levaria o autor dos “Ensaio” à transubstanciação: “Fez-me o meu livro, mais do que eu o fiz; e autor e livro constituem um todo [...]” (MONTAIGNE, 2018, p. 642).⁴

⁴ O leitor que não dispuser da mesma edição que ora utilizamos encontrará o célebre fragmento de Montaigne no Livro II, capítulo XVIII dos “Ensaio”.

Ao mesmo tempo, não seria a biblioteca de Montaigne, da qual se podia “gozar uma vista bela e extensa” (MONTAIGNE, 2018, p. 781), uma espécie de prefiguração ancestral da casinha branca de “Autarkeia”, cercada por um “jardim insular” onde é possível “colher o vinho dos deuses/ e a oliveira da paz”? Parece-nos que a solidão idílica que pressentimos em Cunha contém uma ressonância da sensibilidade de Montaigne, quando este último nos descreve o seu lugar de predileção no mundo:



Ausência presente: PFC em videoconferência para o Cemoroc

Em casa, passo muito tempo na biblioteca, de onde, de um golpe de vista, observo tudo que ocorre em minha propriedade. Da entrada descortino o jardim, o galinheiro, o pátio e a maior parte dos cômodos. Ora folheio um livro, ora outro, sem ordem, ao acaso. Ora sonho, ora tomo notas ou dito, passeando, os devaneios que aqui se registram. Essa biblioteca situa-se no terceiro andar de uma torre. [...] Bem triste se me afigura, em verdade, a situação de quem não tem onde se isolar em sua própria casa, onde se esconder para meditar. [...] Acho mais suportável estar sempre só do que não o poder estar nunca. (MONTAIGNE, 2018, p. 780-781).⁵

A estética da solidão é o pano de fundo do processo de criação e de escrita. Mas nem por isso se trata de conclamar o leitor interessado em ter uma vida intelectual pujante a se furtar inteiramente ao convívio do mundo, como um eremita encarcerado em sua torre misantropa. Trata-se, no entanto, de partilhar uma lição intemporal: a matéria-prima da palavra é o silêncio.



Painel com figuras célebres, numa rua do Porto, incluindo PFC

⁵ Ainda com o intuito de facilitar ao leitor a conferência do aludido trecho em sua própria edição dos “Ensaio”, esclarecemos que a passagem foi colhida do Livro III, Capítulo III da obra de Montaigne.

Nesse enredo, ficamos a pensar sobre qual o espaço reservado à reflexão silenciosa e solitária, no contexto da chamada sociedade da informação. Paulo Cunha tem, seguidamente, procurado alertar as novas (e velhas) gerações acerca dos excessos perpetrados pela sociedade da informação, cuja vozearia, dispersão e frivolidade implicam certa propensão aos arroubos irrefletidos e à superficialidade do pensamento (CUNHA, 2019; CUNHA, 2018; CUNHA, 2016).

A fim de contextualizarmos essas reflexões de Cunha, valemo-nos de Martini (2017), o qual esclarece, com arrimo em Bell, que a sociedade industrial está para a sociedade de produção de bens (com esteio na maquinaria e na automação), assim como a sociedade pós-industrial está para a aludida sociedade da informação, a qual se constitui mediante a “radicalização do uso intensivo das tecnologias da informação e a montagem de um framework, que é a infraestrutura da informação” (MARTINI, 2017, *e-book*).

O uso intensivo e extensivo das novas tecnologias da informação levou-nos à <<presentificação do presente>>, pela aceleração vertiginosa do tempo, em razão da supressão do espaço, desencadeada, por sua vez, pela dissolução das barreiras geográficas que nos separavam das outras pessoas. Em outros termos: as antigas distâncias que se interpunham, entre nós e os outros, separavam-nos, é verdade, mas também *protegiam-nos* dos excessos abusivos da sociedade tecnomidiática, pois, na sociedade analógica, as demandas alheias tinham de superar a distância imposta pelo espaço físico antes de nos alcançarem. (BEDÊ, 2010; BENEVIDES, 1997). Esse tempo transcorrido entre cada solicitação e sua respectiva resposta pertencia indistintamente a emissores e destinatários. Se quisessem, ambos poderiam empregar o tempo incontornável entre emissão e recepção, destinando-o a leituras, reflexões, silêncio e escrita. No entanto, a sociedade da informação instaura a era da velocidade, na qual a vida se torna uma sucessão precária de instantâneos, que se volatilizam num eterno <<instante-já>>. ⁶

Assim, o tempo de reflexão antes da resposta, o tempo de decisão acerca da natureza da resposta e o tempo de maturação na escolha das palavras mais adequadas à resposta⁷ – tudo isso se perde na instantaneidade do tempo tecnomidiático. Não bastante, a qualidade das interações humanas é agravada pelo fato de que passamos a ter de dar inúmeras respostas a incontáveis pessoas, relacionadas com as mais variadas circunstâncias da vida pessoal, familiar, social, acadêmica, profissional etc. A experiência se torna ainda mais desumanizante em razão do imediatismo suscitado pela imediatidade própria dos novos meios de comunicação, afinal, pensam os interactantes, quem está “online” deve se mostrar disponível (sob pena de vir a ser considerado descortês, desinteressado, descompromissado ou negligente).

Com efeito, a velocidade imposta pelas novas mídias é tanto mais desumanizante porque, em vez de os novos *gadgets* realizarem a promessa tecnológica de ampliação do nosso tempo livre, ao nos tornarem ubíquos, eles acabaram por sequestrar a própria experiência do humano, tornando-nos pós-humanos: uma espécie

⁶ Aqui nos valem da inesquecível expressão de Clarice Lispector na sua prosa pético-filosófica: (LISPECTOR, 1998).

⁷ Pensando sobre a necessidade de resguardarmos os nossos escritos da azáfama da era da velocidade, segue valiosa lição de Cunha (2019, p. 207): “[...] o tempo da Arte é, sobretudo, (ou era, classicamente) mais subtil, e de **maturação**. Daí a necessidade de provas tipográficas repousarem para se evitar erros de simpatia, daí a conveniência de que o ponto final (por exemplo, a assinatura) na obra de arte seja adiado até um pouco depois (por vezes são anos), para que ela possa ser revisitada pelo artista com outros olhos. Antes de tudo, na Literatura (mas nada impediria que fosse aplicada a outras Artes), a recomendação do repouso dos originais, antes de virem a lume: deveriam ser nove anos, conforme recomenda Horácio, na sua *Arte Poética* (19 a.C., 388): porque, enquanto fechado assim na gaveta, ainda se pode ir limando (é o célebre *labor limae*), depois de vindo a público, não mais [...]”

de ciberconectados híbridos cuja vida parece inconcebível se não estivermos ligados à rede por *smartphones* e/ou *notebooks*.⁸

Por sua vez, esse tempo acelerado pela hiperconexão dos indivíduos produz um paradoxo: quanto mais esmagados pela proximidade digital, mais distantes ficam uns dos outros. É que o devir sucessivo de instantes da era da velocidade mostra-se refratário ao estabelecimento de *relações* pautadas em laços afetivos, psicológicos e/ou sociais de caráter duradouro. Então, vejamos: se por um lado, as relações humanas eram, até a pré-modernidade, marcadas por uma grande fixidez, por outro lado, elas ainda mantinham relativa solidez sob o ideário moderno, cujo imaginário conservava na família o seu epicentro. Mas, com a ascensão da pós-modernidade – que tem na sociedade tecnomidiática um dos seus corolários –, passamos a priorizar as *conexões*, cuja fugacidade, rapidez e ausência de compromisso encontram no paradigma pós-moderno⁹ um ambiente propício para a aclimação do que Bauman denominou, criticamente, de <<amor líquido>>. (BAUMAN, 2004; BAUMAN, 1998). E nisso reside o tal paradoxo: nunca estivemos tão próximos (acessíveis em rede 24 horas/dia), mas, em compensação, nunca estivemos tão distantes (refratários a vínculos emocionais duradouros).

A partir desse *leitmotiv*, Bauman prestou-se à denúncia da vida líquida, marcada pela velocidade com que as pessoas, as relações e os objetos entram em obsolescência, numa “[...] sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir.” (BAUMAN, 2007, p. 7). Na realidade, Bauman esclarece que nem há tempo hábil para que grande parte das conexões se converta em relações propriamente ditas, uma vez que:

A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores [...]. Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las. (BAUMAN, 2007, p. 8).

É claro que estamos Tateando. Não é gratuito que tenhamos nomeado como “ensaio” os exercícios de reflexão que ora tecemos. Mapear realidades socialmente muito rentes, às quais estamos submetidos no decurso mesmo da análise, dificulta a possibilidade de recuo, enquadramento e perspectiva. Portanto, reconhecemos o caráter de bricolagem do presente texto, numa tessitura que nos permite apenas supor algumas correlações sujeitas à posterior análise e depuração pelos próprios leitores.

Com efeito, uma de nossas hipóteses é a de que as sociedades ocidentais vêm cultivando, cada vez mais, um imaginário pós-moderno, que entra em rota de colisão com a tábua de valores modernos, razão pela qual, os ditos pós-modernos tendem a proclamar que a modernidade teria chegado ao fim, em razão do <<desencantamento do mundo>> e da <<morte das grandes narrativas>>.¹⁰

⁸ Embora fascinante, o aprofundamento de tais reflexões ultrapassa os limites da presente discussão, razão pela qual remetemos os interessados à leitura de: (MCLUHAN, 2002; SANTAELLA, 2008).

⁹ “Fala-se na emergência de uma pós-modernidade, a fim de nomear o que ainda se afigura inominável: uma realidade fluida, heterogênea, dinâmica, plural, fragmentária e descontínua. [...] Assim, a comunicação na rede vem ao encontro de uma lógica de pulverização, fragmentação e velocidade que é própria da pós-modernidade.” (BEDÊ, 2010, p. 99).

¹⁰ Para aprofundar-se nas tensões entre os paradigmas da modernidade e da pós-modernidade, vide: (CHARLES, 2009; CUNHA, 2020; CUNHA, 2007; HARVEY, 2000).

Ocorre que, na dinâmica das sociedades ocidentais, muitas forças sociais antagonicas (ou contraditórias) se digladiam pela supremacia dos valores que pareçam mais convenientes aos seus interesses, em detrimento de outros, os quais prefeririam ver sepultados. Assim, valores caros à modernidade, como ordem, segurança, estabilidade, privacidade, intimidade, meritocracia, harmonia e beleza, (entre outros) podem soar inoportunos para alguns indivíduos ou grupos sociais, que se apressarão a reivindicar a necessidade de superação desses “anacronismos”. Nesse contexto, há teóricos que se limitam apenas a descrever a complexidade do cenário social, enquanto outros, como Paulo Cunha, chamam para si a árdua tarefa de analisar criticamente as realidades com que se defrontam.

A essa altura da jornada, uma pontuação. Ao compulsarmos os textos mais antigos de Cunha com as produções mais recentes do teórico, percebemos um sentimento difuso de perplexidade crescente (não obstante as notas acres de humor e ironia que são a tônica da sua escritura), se comparados os seus apontamentos em “Paradigmas e desafios pós-modernos” (2009), aos artigos mais recentes, nos quais Paulo Cunha revisita temas afins à problemática em questão, como em “Pandora & os reis mendigos: crise e carisma na sociedade da informação” (2018) e “Punitivismo & particularismo no ocaso pósmoderno” (2020).

Assim, em nosso sentir, Cunha estaria se tornando, no decurso dos anos, cada vez mais indócil face aos truismos da pós-modernidade tecnomidiática. Apenas para fins ilustrativos, sobressai na memória a sua exasperação (embora modulada pelo humor), quando o nosso homenageado compara certos intelectuais aligeirados que se forjam na suposta <<sociedade do conhecimento>> com os personagens tragicômicos do romance inacabado de Flaubert: Bouvard e Pécuchet. O duro recado está dado: se a geração digital não se emendar a tempo, correremos o risco de formar copistas abobalhados que, infensos ao conhecimento profundo da natureza das coisas, “[...] acabariam por encontrar a possível felicidade em voltar a copiar coisas sem sentido (burocracias fictícias, já que estão aposentados).” (CUNHA, 2019, p. 215).

O curioso é que, a despeito de tantas inquietações que dividimos com Paulo Cunha, haja entusiastas da sociedade tecnomidiática que parecem enxergar só flores lá onde pressentimos campos minados (LEVY, 2000; LEVY, 1996; MAFFESOLI, 2006). Felizmente, outras vozes se erguem, em diversas tonalidades, e vêm se somar à de Cunha, na tarefa sempre arriscada (mas fundamental) da crítica. Assim, da leitura cruzada entre Paulo Cunha e outros teóricos, formulamos uma hipótese adicional, de que o corolário da pós-modernidade é a sociedade da informação, cujo imaginário reforça e promove um novo catálogo de valores, tais como: velocidade e superficialidade das relações na era tecnomidiática (HAN, 2018); fragilização da esfera pública, por meio do esvaziamento crescente dos espaços públicos, decorrente da sua virtualização (VIRILIO, 2000); espetacularização na <<sociedade do espetáculo>>¹¹ (DEBORD, 1997); narcisismo psicossocial disseminado pela <<cultura do narcisismo>>¹² (LASCH, 1983); perda do sentido tradicional de

¹¹ Para Debord (1997, p. 14-15): “Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a *presença permanente* dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna” (itálicos no original).

¹² Para Lasch (1983, p. 66-67): “Cada época desenvolve suas próprias formas peculiares de patologia, que exprimem, em forma exagerada, sua estrutura de caráter subjacente.” [...] “A crescente proeminência das

proteção da intimidade, pelo culto à exterioridade e à transparência na <<sociedade da positividade>>¹³ (HAN, 2017); enfraquecimento da esfera pública, em razão do culto incivilizado à intimidade das personalidades carismáticas, na <<sociedade intimista>> (SENNETT, 2002); esvaziamento da interioridade e do sentido da contemplação, em razão do ativismo compulsivo e irreflexivo, dos quais resulta o exaurimento das energias vitais na <<sociedade do cansaço>> (HAN, 2015); e, por fim, o esgarçamento das relações humanas e a celebração de conexões fluidas e facilmente desembaraçáveis (BAUMAN, 2007; BAUMAN, 2004).

Nesse particular, um aspecto nos chama a atenção. As variáveis acima parecem reforçar, em especial, o processo deslegitimante de valores sociais como a intimidade, a solidão, a contemplação reflexiva e a privacidade no sossego do lar. Tais axiomas, que são preciosos pilares para a vida intelectual e artística, haviam sido tradicionalmente considerados relevantes para a sociedade, desde a Grécia Antiga até a Modernidade liberal burguesa, passando pelo Medievo.¹⁴

No entanto, com o advento da pós-modernidade tecnomidiática, a paisagem social começa a se reconfigurar numa lógica que descredencia – e até mesmo inviabiliza – a prática constante dos valores consentâneos à elaboração reflexiva e à criação inventiva. É um duro golpe para a confraria de intelectuais contemplativos, os <<adoradores das chamas das velas>> (BACHELARD, 1989), irmanados em sua solidão apenas pelo sentimento coletivo de que teria havido, ao longo da história da humanidade, dezenas de centenas de milhares de sonhadores, escrevendo, insones, à luz fugidia da pequena chama de uma vela.

Bachelard (1994) também nos convida a perceber que a contemplação pode transfigurar a filosofia, a qual deixa de ser uma experiência meramente “descritiva para se tornar um ato íntimo.” (1994, p. 190). E o pensador prossegue o seu pontificado: “Através da solidão é que o filósofo é restituído ao destino da meditação primeira.” (BACHELARD, 1994, p. 193). Assim, os sonhadores, pensadores e criadores compreendem (ainda que intuitivamente) que “a solidão é um mundo” (1994, p. 190), e que precisam ter a coragem de estar a sós consigo mesmos. Precisam fazer-se solitários: como os notívagos Proust (CURREY, 2013) e Flaubert (FLAUBERT, 2005), ou ainda como Hemingway (2011), o infalível combatente que dedicava as primeiras horas do amanhecer à luta com as palavras – tendo dormido, ou não.

Ainda sobre a necessidade de recolhimento e interiorização, Han (2017) não nos deixa margem de dúvida sobre o poder predatório da <<sociedade da transparência>> para as criações do espírito. Essa nova forma de organização social representa um ambiente hostil ao desenvolvimento da criação e do livre-pensamento. Com sua natureza dispersiva, a sociedade tecnomidiática incita um modo de

‘desordens do caráter’ parece significar uma mudança subjacente, na organização da personalidade, do que tem sido chamado de direcionamento interior para o narcisismo.”

¹³ “[...] Na sociedade positiva, na qual as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser expostas para ser, seu valor cultural desaparece em favor de seu valor expositivo. Em vista desse valor expositivo, sua existência perde totalmente a importância. Pois, tudo o que repousa em si mesmo, que se demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for visto. A coação por exposição, que coloca tudo à mercê da visibilidade [...] Deve-se unicamente à produção do chamar a atenção.” (HAN, 2017, p. 28).

¹⁴ O Brasil tem sido palco, recentemente, da reedição de obras consideradas seminais acerca das ferramentas práticas e das disposições de espírito, com as quais, aqueles que desejam se engrandecer muito teriam a ganhar, seja como pessoas humanas, seja como intelectuais, mas, notadamente, aqueles cujas forças terminam antes mesmo que as tarefas se iniciem, tal a lassidão e tibiaza de propósito de que padecem (males que, diga-se de passagem, tornaram-se onipresentes na cultura dispersiva da era tecnomidiática). Por isso, recomendamos vivamente à juventude as pérolas que só agora tivemos a alegria de conhecer: (SERTILLANGES, 2016; RIBOULET, 2019).

subjetivação marcado pela necessidade contínua de atenção e chancela do outro. Infelizmente, quem recai nessa armadilha corre o risco de tornar-se um espectro de si mesmo, numa espiral de superexposição, azáfama e dependência emocional de “likes”, comentários, compartilhamentos e seguidores – *ad nauseam*. Os prejuízos desse jogo são incalculáveis, pois, como nos adverte Han (2017): “A alma humana necessita naturalmente de esferas onde possa estar junto de si mesma, sem o olhar do outro. Pertence a ela uma impermeabilidade.” (HAN, 2017, p. 13). Na mesma esteira de pensamento, Paulo Cunha vaticina:

Nessa sociedade, há uma grande fixação nas máquinas e na comunicação não significativa, exercendo a função fática da linguagem e pouco mais, e pouco incentivo e propensão à reflexão, que é a única garantia do pensamento verdadeiramente crítico, aquele que permite desvendar (CUNHA, 2014) e desconstruir. Embora, evidentemente, a máquina seja um produto do espírito: *longa manus*. O problema é deixarmos-nos dominar por elas [...] no sentido de [...] nos deixarmos voluntariamente cair na servidão à máquina e na sua dependência como um tóxico a que se ganha vício. (CUNHA, 2018, p. 226)

No fragmento colhido acima, Paulo Cunha entoia um lamento: o que restou das múltiplas *funções da linguagem* (BEDÊ; SOUSA, 2018; JAKOBSON, 2010) na sociedade da informação? O poeta espia do alto de sua casinha branca, na colina de Autarkeia, e apura a vista, mas, até onde o seu olhar divisa, não há senão deserto da linguagem.

[Paulo pergunta de si para si, porque aprendeu com Montaigne a arte de estar a sós consigo mesmo no alto de sua torre de marfim.]

“Comunicação não significativa,
função fática,
referencial,
colada
ao rés-do-chão.
Não há flores,
tampouco metáforas.”

[Eis a resposta que Paulo se dá, porque aprendeu com Montaigne a arte de responder perguntas desconcertantes no alto de sua torre de marfim.]

* * *

A prosa poética de Paulo Cunha é uma caixa de ressonâncias da escritura de Montaigne. Cada nota é insculpida com cinzel no tronco de um ipê amarelo, que cresceu em Autarkeia, bem no fundo do quintal de uma casinha branca.

Mas não contem ao eu-lírico: não estraguem a surpresa.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BACHELARD, Gaston. Fragmento de um diário do homem. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. 4. ed. Tradução de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel Raposo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. (p. 190-200).

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEDÊ, Fayga Silveira. **Ciberintimidade**: a escrita de si na era digital. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17705>>. Acesso em: 5 set. 2018.

BEDÊ, Fayga Silveira; SOUSA, Raphaella Prado Aragão de. Metáforas sobre o tempo e estilização da escrita acadêmica em direito: tempo de criação ou de produção? Um diálogo com a literatura. **ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 525-545, dez. 2018. ISSN 2446-8088. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/474>. Acesso em: 2 set. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.21119/anamps.42.525-545>.

BENEVIDES, Aletusya de Araújo. **Espaço virtual e comunicação**: novas faces de uma sociabilidade moderna. 1997. 188 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Trabalho). – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CHARLES, Sébastien. **Cartas sobre a hipermodernidade**: ou o hipermoderno explicado às crianças. Trad. Xerxes Gusmão. São Paulo: Barcarolla, 2009.

CUNHA, Paulo Ferreira da. Punitivismo & particularismo no ocaso pósmoderno. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, ano 18, n. 27, p. 154-169, jan./abr. 2020. doi:10.12662/2447-6641oj.v17i25.p203-220.2019. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/opiniaojuridica/article/view/2323/827>. Acesso em: 25 maio 2020.

CUNHA, Paulo Ferreira da. De algumas categorias teórico-metodológico-jurídicas: um diálogo pós-disciplinar. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, ano 17, n. 25, p.203-220, maio/ago. 2019. doi:10.12662/2447-6641oj.v17i25.p203-220.2019. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/opiniaojuridica/article/view/2323/827>. Acesso em: 3 mar. 2020.

CUNHA, Paulo Ferreira da. Pandora & os reis mendigos: Crise e carisma na sociedade da informação. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, ano 16, n. 22, p.225-246, jan./jun. 2018. doi:10.12662/2447-6641oj.v16i22.p225-246.2018. Disponível em:

- <https://periodicos.unichristus.edu.br/opiniaojuridica/article/view/1426>. Acesso em: 4 mar. 2020.
- CUNHA, Paulo Ferreira da Cunha. Repensando as Fontes do Direito na Sociedade da Informação. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, ano 14, n. 19, p.253-280, jul./dez. 2016. doi:10.12662/2447-6641oj.v14i19.p253-280.2016. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/opiniaojuridica/article/view/1060/395>. Acesso em: 7 mar. 2020.
- CUNHA, Paulo Ferreira da. Paradigmas e desafios pós-modernos. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, ano V, n. 9, p. 265-299, 2007. doi: 10.12662/2447-6641oj.v5i9.p265-299.2007. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/opiniaojuridica/article/view/1902>. Acesso em: 8 mar. 2020.
- CURREY, Mason. **Os segredos dos grandes artistas**: conheça os rituais diários de Van Gogh, Benjamin Franklin, Freud, Woody Allen, Goethe, entre outros. Trad. Sabine Alexandra Holler. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- COMPAGNON, Antoine. **Uma temporada com Montaigne**. Tradução de Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.
- FLAUBERT, Gustave. **Cartas exemplares**. Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. Rio de Janeiro: Imago, 2005
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000
- HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma festa**. 17. ed. Tradução de Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. [*e-book*].
- HEMINGWAY, Ernest. A arte da ficção 21. *In*: THE PARIS REVIEW. **As Entrevistas da Paris Review**. Trad. Christian Schwartz e Sérgio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 1. p. 58-92.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Prefácio de Izidoro Blikstein. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LASCH, Christopher. **Cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. São Paulo: Imago, 1983.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 1. ed. 9. reimpr. São Paulo: Edições 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Edições 34, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Água-viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça.** Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Edições SESC, 2013. [*e-book*]

MARTINI, Renato. **Sociedade da informação: para onde vamos?** São Paulo: Trevisan, 2017. [*e-book*]

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2002.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio.** ed. integral, 1ª reimpr. Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2018.

RIBOULET, Louis. **Conselhos sobre o trabalho intelectual.** Tradução de Karleno Bocarro. Campinas, SP: Kirion, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SERTILLANGES, A.-D. **A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos.** Trad. Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2016.

VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior.** Trad. Francisco Marques. Lisboa: Teorema, 2000.

Recebido para publicação em 01-06-20; aceito em 08-07-20